



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de outorga do Prêmio Nacional de Desenvolvimento Regional –
Edição 2010: Homenagem a Celso Furtado**

Palácio do Planalto, 1º de dezembro de 2010

Minha querida companheira Rosa Freire Furtado,
Meu querido companheiro João Santana, ministro da Integração
[Nacional],
Deputados federais Zezéu Ribeiro e Pedro Eugênio,
Meu querido companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae
Nacional,
Nosso companheiro Abidias de Sousa Júnior, presidente do Basa,
Companheiros e companheiras agraciados com o Prêmio Nacional de
Desenvolvimento Regional,
Companheiros da imprensa,
Convidados,

Eu, meu caro João Santana, vou dispensar meu discurso, porque está
muito longo, está muito longo, ao contrário do seu discurso.

Bem, primeiro, eu acho, João, que foi uma feliz ideia a gente pensar num
Prêmio Celso Furtado para o Desenvolvimento Regional, muitas vezes
discutido aquém daquilo que seria necessário discutir para que a gente tivesse
um desenvolvimento regional.

Historicamente, as regiões mais pobres do país, elas apareciam nos
indicadores como as regiões onde tinha maior mortalidade infantil, onde tinha a
maior taxa de analfabetismo, onde tinha a menor média salarial nacional e
onde tinha a maior desnutrição. Nós começamos a mudar isso e, certamente, a
gente vai perceber as mudanças dentro de uns 10 anos, porque esse processo



de mudança leva algum tempo.

O Nordeste tinha menos que 3% de doutores e mestres, e agora já está com quase 10% de doutores e mestres que estão se formando no Nordeste brasileiro. Nós acabamos de anunciar 126 extensões universitárias, interiorizando para mais de 230 cidades.

Nós estamos fazendo... Eu... Se o Celso Furtado fosse vivo, ele seria convidado a ir fazer uma visita ao Canal do São Francisco. Ele iria ver o que pode significar para o Nordeste um sonho acalentado desde 1847, por Dom Pedro e que nós só conseguimos fazer em 2005, depois de muita briga, depois de muito debate, depois de muita ação judicial, depois de muita luta, nós agora, finalmente, estamos com mais ou menos 50% em um eixo e 70% em outro eixo. Eu penso que a companheira Dilma Rousseff vai poder inaugurar uma coisa que significará quase um milagre para o estado do Rio Grande do Norte, para uma parte da Paraíba, de Pernambuco e do Ceará. Ou seja, são praticamente 12 milhões de brasileiros e brasileiras que vão, pela primeira vez, estar mais próximos da água, e eu espero que a gente consiga fazer bom uso dessa água, para justificar todo o investimento que nós fazemos.

Durante a campanha eleitoral, agora – eu não sei se vocês acompanharam – mas houve muito discurso e muita preocupação com a minha atenção para o Norte e para Nordeste brasileiro. Havia estado em que as pessoas diziam: “O Lula não gosta da gente que é não sei de onde, ele só gosta da gente que é do Nordeste, só gosta da gente...” Houve até quem dissesse que eu estava dividindo a sociedade entre ricos e pobres, houve até quem dissesse isso. O dado concreto, meus companheiros e companheiras, é que, se nós não trabalharmos o desenvolvimento regional para a gente tornar o Brasil mais igual, mais justo, e garantir mais oportunidade a todos os brasileiros, em igualdade de condições, nós vamos ser um Brasil um pouco capenga: uma parte sempre melhor, a outra parte sempre pior. E a parte pior da parte pior se dirige para ser pior na parte melhor. Ou seja, não é à toa o



inchaço das grandes metrópoles brasileiras por conta do êxodo que aconteceu nos anos 50, nos anos 60 até êxodo igual o meu pai fez parte, em 1945.

Pois bem, nós estamos mudando. Eu fico muito feliz quando os dados e as pesquisas mostram que foram as partes mais pobres do Brasil que mantiveram o consumo e sustentaram o crescimento da economia por conta da crise americana e da crise europeia. Eu fico muito feliz quando eu olho o que está acontecendo no Brasil hoje e a gente percebe que o Brasil hoje está fazendo três das maiores hidrelétricas em construção no mundo; que o Brasil está fazendo hoje três das maiores ferrovias em construção no mundo, estão acontecendo no Brasil. Seja a Norte-Sul, que vamos terminar 1.513 quilômetros até Anápolis. É importante lembrar que, em 17 anos, fizeram apenas 215 quilômetros. Nós, em oito anos, vamos entregar 1.513 quilômetros, e vamos anunciar e assinar o contrato para levá-la até Estrela d'Oeste, em São Paulo, ligando o Porto de Itaqui, no Maranhão, ao Porto de Santos, em São Paulo.

Ao mesmo tempo, não existe nenhum país do mundo – nem a China – construindo cinco refinarias como o Brasil está construindo hoje. O Polo Petroquímico no Rio de Janeiro, que talvez seja o maior investimento da Petrobras atualmente; a refinaria do Maranhão, para 600 mil barris/dia; a refinaria do Ceará, que já está decidida, só falta legalizar o terreno, porque encontramos uns índios lá dentro, então, precisou fazer o acordo para poder saber se podia utilizar a terra ou não, são 300 mil barris[/dia]; Pernambuco, 220 mil barris[/dia]; e Clara Camarão, no Rio Grande do Norte, 35 mil barris[/dia].

Não existe nenhum país do mundo em que a gente tenha cinco, cinco... Depois de 30 anos que a Petrobras tinha decidido não fazer mais refinaria, ela agora está fazendo cinco, e não existe país do mundo em que a gente tenha isso.

Além disso, quando eu viajo muito o mundo, e a gente começa a discutir desenvolvimento regional, eu lembro do que aconteceu com a agricultura familiar no Brasil. A gente, até 15 anos atrás, 12 anos atrás, todo dinheiro para



a agricultura familiar era utilizado apenas no Sul do país. Não era que o Sul do país era ganancioso, era que apenas o Sul do país estava preparado... não chegava nem a São Paulo, parava no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e uma parte do Paraná. São Paulo já pegava muito pouco; Minas não pegava quase nada e para o restante do Brasil não se pegava nada. Nós saímos de R\$ 2,4 bilhões para R\$ 16 bilhões de financiamento para a agricultura familiar. E a gente percebe que os contratos, no Nordeste brasileiro, triplicaram, a compra de alimento no Nordeste, o Programa PAA, é um milagre de uma parte da agricultura familiar, e já compramos, de 160 mil produtores, alimentos para a gente distribuir de graça nas escolas, garantindo um preço mais justo, às vezes, melhor do que aquele que o mercado oferece.

Poderemos pegar os bancos de crédito do Basa... A política de crédito do Basa, poderíamos pegar o DRS, do Banco do Brasil, poderíamos pegar o Crediamigo, do BNB, que a gente vai perceber que, enquanto a gente discute a macroeconomia, tem uma revolução acontecendo neste país na chamada microeconomia, aquela que, muitas vezes, a gente não vê; aquela que, muitas vezes, os economistas não discutem; aquela que, muitas vezes, não é publicada na grande imprensa; aquela que, muitas vezes, não desperta o interesse, porque as pessoas estão de olho apenas no empresário que vai ao BNDES buscar dinheiro ou naquele grande empresário que vai ao Banco do Brasil fazer o seu financiamento, não levam em conta a pulverização do que está acontecendo no milagre do crédito, neste país.

E, aí, era importante que o Celso Furtado pudesse ter vivido até agora, para perceber o seguinte: quando nós chegamos no Brasil [na Presidência], Rosa, o Brasil tinha R\$ 380 bilhões de crédito, o Brasil inteiro, R\$ 380 bilhões de crédito. E eles diziam que este país era um país de economia capitalista, uma economia capitalista que não tinha nem capital e nem crédito. Ou seja, hoje, passados oito anos, nós temos R\$ 1 trilhão e 600 bilhões de crédito. O Banco do Brasil, sozinho, tem mais do que o Brasil tinha, todinho, há oito anos,



e a gente percebe que o dinheiro começou a chegar na mão das pessoas mais pobres, e as pessoas começaram a comer, começaram a comprar, começaram a vestir, começaram a comprar caderno, começaram a ter acesso às coisas mais elementares. E é por isso que o Norte e o Nordeste crescem acima da média nacional. E nós achamos que se continuar nesse ritmo, dentro de 10 ou 15 anos nós teremos diminuído muito as desigualdades regionais.

Nós começamos uma briga neste governo para regionalizar o dinheiro de publicidade, para regionalizar o dinheiro de cultura, que era tudo canalizado vocês sabem para onde. Ou seja, quando a gente começou a dizer que era preciso ter um pouquinho de dinheiro no Nordeste, que era preciso ter um pouquinho de dinheiro no Norte, que era preciso ter um pouquinho de dinheiro no Centro-Oeste, teve muita gente que não gostou, porque as pessoas estavam acostumadas de que o dinheiro tinha que ser canalizado apenas para determinadas regiões e não para o conjunto do Brasil. Eu acho que nós conseguimos esse milagre.

Ontem eu tive o prazer de inaugurar a eclusa de Tucuruí, depois de 30 anos, de inaugurar, ver ela pronta, para começar a carregar carga logo, logo. Eu tive o prazer, ontem, de fazer uma inauguração, Paulo Okamoto... O MAB nunca participou da inauguração de uma hidrelétrica. O MAB é o Movimento dos Atingidos por Barragens. Ou seja, pois ontem eu inaugurei uma hidrelétrica junto com os companheiros do MAB, participando do mesmo evento, porque nós fizemos um decreto normatizando o que é um atingido de barragem, para a gente poder mudar a lógica de o Estado prometer, de a iniciativa privada prometer, e, depois que constrói a hidrelétrica, não cumpre aquilo que a gente prometeu para as pessoas que foram atingidas. Na hora em que a gente consegue fazer as coisas corretamente, na hora em que a gente consegue humanizar o trabalho da cana-de-açúcar, como nós fizemos em São Paulo, com os sindicatos de trabalhadores e com os usineiros, normatizando uma nova relação, nós estamos dizendo ao mundo: Este país não quer mais ser um



país de terceiro mundo, este país não quer mais ser um país apenas em desenvolvimento, este país não quer mais ser chamado de um país emergente, este país quer ser um país desenvolvido e este país quer ser um país onde todas as regiões têm a mesma possibilidade.

Se vocês olharem os investimentos do PAC, vocês vão perceber que, poucas vezes na história deste país, houve uma descentralização de investimentos para as regiões mais empobrecidas do que [como] nós fizemos no PAC, poucas vezes na história do país. Vocês que acabaram de ganhar prêmio, acabaram de fazer seus projetos, suas teses, analisem o que aconteceu com as obras do PAC, e vocês vão perceber que é o maior processo de descentralização, que nós jamais imaginamos que acontecesse neste país. Está acontecendo. Está acontecendo, e, daqui a alguns anos, vocês vão ver o milagre da multiplicação dos pães, porque as pessoas que não tinham nada...

Vocês nunca mais ouviram falar em frente de trabalho, ouviram? Estão lembrados? Pedro Eugênio, você conhecia muito bem, dava uma seca lá, toca a chamar os pobres para carregar pedra de um lado para o outro lado, para ganhar R\$ 30,00 por mês. Aí, começava a chover, parava de carregar pedra. Esperava um ano, vinha outra seca, carregava pedra e colocava no outro lado. Uma coisa sem futuro, sem perspectiva. Faz oito anos que a palavra “frente de trabalho do Nordeste” não existe. Não existe por causa do programa que alguns disseram que era esmola, que é o Bolsa Família; não existe por causa do aumento do salário-mínimo, que alguns diziam que ia inflacionar o país, e que a gente ia quebrar a Previdência; não existe por causa do aumento de oito anos consecutivos da média salarial brasileira; não existe por causa da criação de 15 milhões de empregos em oito anos. Ou seja, não existe mais a frente de trabalho porque este país melhorou.

Ontem, eu me delicieei com uma matéria que eu vi nos jornais. Nós temos, hoje, a classe D, ela já tem praticamente o dobro de alunos na



universidade que a classe A. Sem tirar uma única vaga da A, nós estamos incluindo a classe D, a classe C, para que este país se torne mais justo, mais igual.

Eu, quando deixar a Presidência, dia 1º de janeiro, quando eu deixar a Presidência da República, eu vou ter participado de um momento glorioso, quando nós entregamos o diploma de médicos a 400 jovens do ProUni, dos quais 40% negros e negras se formando médicos neste país.

Nós acabamos de aprovar o Fundo de Educação, que era um sonho deste país. Como garantir que todo pobre possa ter direito a uma universidade, independentemente da renda? Nós tínhamos um problema, nós tínhamos um programa de financiamento, que era o Fies, mas nós não tínhamos fiador. Então, quando o pobre queria estudar, ele precisava de um fiador, e ninguém é fiador de ninguém mais hoje, as pessoas têm medo de um calote e ter que pagar. O que nós fizemos? O Estado brasileiro assumiu a responsabilidade de ser o fiador. E cada jovem, cada jovem, de qualquer lugar deste país, de qualquer origem social, que quiser estudar, ele vai poder pegar o seu crédito, ele vai pagar R\$ 50,00 por mês a cada trimestre [R\$ 50,00 a cada trimestre], e ele só vai começar a pagar o Fies, ele só vai poder pagar o dinheiro que ele tomou emprestado três vezes... Ele vai ter carência de três vezes o tempo que demorar o curso dele. Se ele fizer Medicina e se fizer seis anos, ele só vai começar a pagar depois de 18 anos. Se ele for trabalhar no SUS, ele não paga, e está quitado o empréstimo dele. Se ele for dar aula na universidade, ele não paga, está quitado o empréstimo dele. Então, nós vamos poder, a partir do dia 1º de janeiro, dizer o seguinte: neste país não estuda quem não quer, porque agora o governo garante crédito e garante fiador para que esse jovem possa estudar.

É essa a revolução que vai levar a que o Brasil se desenvolva, não como um cidadão que tem uma deficiência física, apenas pendendo para um lado, ou seja, nós temos que olhar o conjunto, o conjunto dos 8 milhões e meio de



quilômetros quadrados, nós temos que olhar para a diversidade cultural deste país, nós temos que olhar para a diferença que nós temos em cada região, e a partir daí estabelecer um modelo de desenvolvimento que leve em conta isso.

E aquela moça que veio aqui para me entregar um documento que ela me entregou. Pode voltar a me entregar o documento aqui e me dá o documento aqui que ela me entregou aí, ô Marcos. Ela queria me entregar lá na minha sala, Stuckinha, eu não peguei para você tirar uma foto, e quando ela vem me entregar, onde você está? Telefonando ali atrás, Stuckinha, não veio tirar a foto. Então, agora, me dê o documento aqui para ela me entregar, para tirar a foto aqui, que é uma proposta de desenvolvimento na nossa fronteira. Ou seja, que eu vou, depois, entregar para a companheira Dilma saber que nós produzimos uma proposta, para ela pedir para os próximos ministros...

No mais, companheiros, eu gosto de falar do microcrédito... Apesar de você estar cochilando, Zezéu, apesar de você estar cochilando, eu gosto de falar do microcrédito... Acorda, se não eu vou denunciar para a imprensa aqui. Eu gosto de falar do microcrédito pelo seguinte: nós, João, nós estamos, hoje, com um investimento – eu digo investimento porque, há pouco tempo, se dizia gasto - investimento da ordem de R\$ 14 bilhões do governo federal para fazer um programa chamado Programa Luz para Todos, onde a pessoa que recebe não paga um centavo, e onde nós privilegiamos a contratação de empresa local para que a gente possa promover o desenvolvimento regional. Nós já geramos por conta desse Programa, que começou em 2004, trezentos e oitenta e cinco mil empregos, nós já utilizamos 6.448.000 postes, já utilizamos 978 mil transformadores; já colocamos, de fio, neste país, um milhão duzentos e doze mil quilômetros - o que daria para dar 31 voltas na Terra, com os fios que nós colocamos no Programa Luz para Todos e já atendemos, praticamente, 13 milhões de pessoas que não tinham energia neste país. Porque, neste país, se construía uma hidrelétrica, e os pobres de perto daquela



hidrelétrica ficavam no escuro. Não se preocupavam em levar para eles a possibilidade.

Então, quando a gente fala do programa Luz para Todos, o cara fala “Ah, mas isso é só programa de pobre. O que isso interessa para a classe média?”. Eu vou dizer o que interessa: 80% das pessoas que receberam o programa Luz para Todos compraram televisão; 79% compraram geladeira; 50% compraram aparelho de som – e vocês imaginem o que compraram de liquidificadores, o que compraram... Você imagina o desenvolvimento que aconteceu nas cidades, na indústria. Hoje, quem vai para o Nordeste percebe que tem uma mudança, nós estamos com um problema sério de garantir um empreguinho para o jegue, porque as pessoas estão trocando jegue por motocicleta, é só ir ao Nordeste para vocês verem. Logo, logo, logo vai ter... logo, logo vai ter uma passeata de jegues aí, pedindo que a gente interceda para que eles voltem a ter utilidade no Nordeste. Então, é isso que eu chamo de desenvolvimento regional. É você garantir a oportunidade a que todos, em qualquer lugar deste país, possam sobreviver.

E queria dizer para vocês: A grande lição que eu aprendi neste governo é que a coisa mais barata, a coisa mais fácil é cuidar dos pobres. E o pobre tem uma vantagem: É que quando você dá R\$ 10,00, R\$ 20,00, ou R\$ 30,00 de crédito, ele só tem como patrimônio a cara dele e o nome dele. E ele se preocupa em pagar. Não era como antigamente, alguns tomavam dinheiro neste país aqui para produzir eucalipto e plantava uma muda aqui, outra em Mogi das Cruzes, e dizia que estava plantando eucalipto, e não tinha sequer fiscalização. Vocês sabem o que era o Basa, vocês sabem o que era o BNB, o que era o Banco do Brasil, o que era a Caixa Econômica? Eram bancos predestinados à falência, e que o orgulho nacional era publicar, no final do ano, déficit nesses bancos, e por trás do déficit, uma propostazinha de vendê-los.

Então, eu acho, companheiros e companheiras, que falar em desenvolvimento regional, neste momento, é a gente apenas cumprir aquilo



que Celso Furtado tentou fazer na década de 50 e que foi parado, que foi estagnado. Nós estamos voltando a olhar o Brasil como um todo, e eu acho que, se isso acontecer, um país que tem 190 milhões de habitantes, um país...

Veja, nós vamos deixar um legado, Rosa, que é muito importante, um legado que é histórico para mim, é gratificante para mim você imaginar que nós, em apenas oito anos, fizemos 126 extensões universitárias, 126. Fizemos 14 universidades federais novas, e ainda fizemos 214 escolas técnicas profissionais, uma vez e meia tudo o que foi feito em um século neste país. Se a gente continuar nesse ritmo, a gente pode, daqui a dez anos, todos bem velhinhos, todos bem velhinhos, aqui, a gente comemorar que o Brasil, finalmente, depois da Copa do Mundo e depois das Olimpíadas, virou um país desenvolvido e um país socialmente justo e um país regionalmente mais igualitário.

Parabéns a todos os premiados, e um abraço.

(\$211A)